

## **Saúde Brasil 2007: do que morremos e o que podemos fazer**

**Francine Leite**

**José Cechin**

*Superintendente Executivo*

O Ministério da Saúde divulgou recentemente o perfil da mortalidade do brasileiro com dados dos Sistemas de Informação de Mortalidade (SIM), Informações Hospitalares (SIH), Vigilância de Violência e Acidentes (VIVA) e as demográficas do IBGE, para 2005 e 2006. A seguir, os principais destaques do relatório.

O brasileiro morre principalmente por doenças do aparelho circulatório, neoplasias e causas externas, nessa ordem. Essas são as “doenças modernas”; as infecto-parasitárias são a sétima mais importante causa de óbito no país. Notam-se importantes variações conforme faixa etária, sexo e a região.

Norte e Nordeste apresentam índice de mortalidade infantil mais alto do que Sul e Sudeste. Em todas as regiões esse índice caiu, mas caiu menos no Norte e Nordeste. As principais causas são as afecções perinatais (evitáveis), anomalias congênitas (nem sempre evitáveis) e doenças infecto-parasitárias e do aparelho respiratório.

A mortalidade infantil reflete condições de nutrição e acesso à água tratada, saneamento e serviços de saúde. A discrepância entre regiões é alarmante, principalmente porque nos últimos anos nessas regiões foram adotadas ações para reduzir esse índice. Para avanços nesse índice é necessário focar nas causas evitáveis e nas condições de acesso aos serviços essenciais.

Notar que na faixa etária de 1 a 39 anos, os óbitos ocorrem principalmente por causas externas – acidentes de trânsito e violência. Entretanto, surpreende o fato de na faixa etária entre 20 e 29 anos, a segunda causa ser as doenças infecto-parasitárias e, entre 30 e 39 anos, as doenças do aparelho circulatório, sugerindo a necessidade de ações de prevenção para essas faixas etária. Já a partir dos 40 anos, os óbitos se dão principalmente por doenças cardiovasculares e neoplasias.

As diferenças entre os sexos também são marcantes: os homens morrem mais por doenças do aparelho circulatório e as mulheres por doenças cerebrovasculares. Na tabela 1 se listam as principais causas por sexo para 2005.

**Tabela 1:** Classificação das 10 causas de óbitos mais frequentes entre homens e mulheres. Brasil, 2005

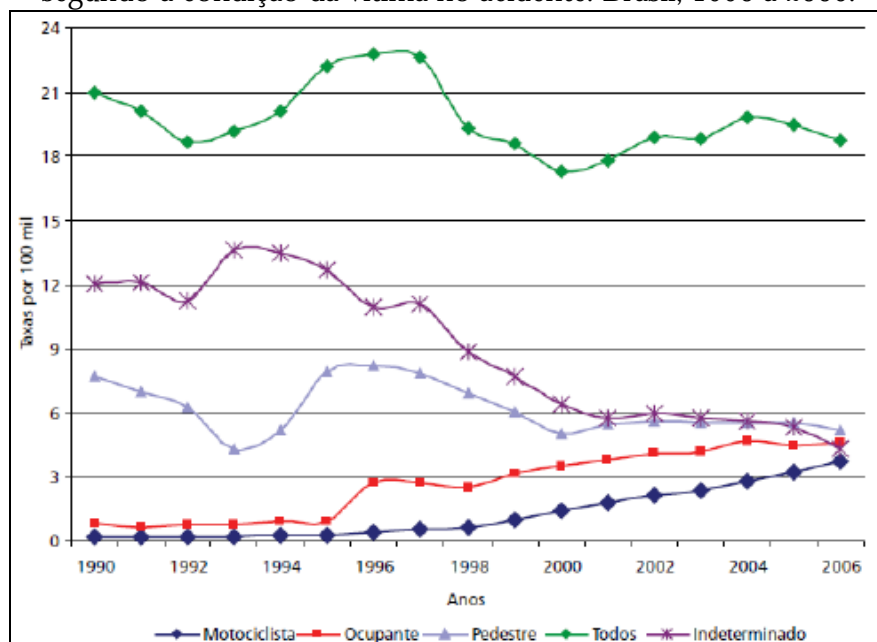
<b>Causa do óbito</b>	<b>Classificação</b>		
	<b>Brasil (%)</b>	<b>Homem</b>	<b>Mulher</b>
Doença cerebrovascular	10,0	2	1
Doença do aparelho circulatório	9,4	1	2
Homicídios	5,3	3	*
Diabetes Mellitus	4,5	7	3
Influenza e Pneumonia	4,0	6	5
Doenças respiratórias (inferior)	4,1	5	7
Acidentes de transporte terrestres	4,0	4	*
Doença Hipertensiva	3,7	10	4
Insuficiência cardíaca	3,4	*	6
Afecções perinatais	3,3	9	8
Cirrose/doença fígado	*	8	*
Neoplasia de mama	*	*	9
Doença do sistema urinário	*	*	10

Desde 1980, observa-se uma queda das causas por doenças infecto-parasitárias e afecções perinatais e um aumento por causas externas, neoplasias e transtornos mentais, sendo que as doenças do aparelho circulatório sempre foram a principal causa de morte. O aumento por transtornos mentais de 255% em 25 anos é preocupante, visto que os sistemas de saúde não estão preparados para esse tipo de paciente, com permanências de longa duração e altos custos. Esse aumento pode ser justificado por melhoras no diagnóstico e preenchimento correto da declaração de óbito no período.

O fato mais ressaltado foi a mortalidade por causas externas – que são mais típicas dos homens (82% das vítimas são do sexo masculino). Isso explica parte importante da menor longevidade masculina e da maior proporção de mulheres na população com mais de 20 anos.

Os homens adultos jovens são os que têm maior risco de morte por homicídio ou por acidente terrestre. Destaca-se a tendência dos acidentes de motocicletas, que passaram de 300 em 1990 para 7 mil em 2006. Esses acidentes são a segunda causa de óbitos terrestres (19,8%) atrás dos atropelamentos que respondem por 27,9% das mortes por acidentes terrestres.

**Figura 1.** Taxa padronizada de mortalidade por acidentes de transportes terrestres segundo a condição da vítima no acidente. Brasil, 1990 a 2006.



Fonte: SIM/SVS/MS

Homicídio é a causa de quase 60% dos óbitos na faixa etária de 20 a 29 anos, mas o risco é cerca do dobro na população negra. As regiões mais afetadas são Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Óbitos por homicídio declinaram no Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

Destacam-se alguns fatos emergentes:

- mortalidade por causas externas: faz-se necessário reduzir essas taxas, e espera-se que a “Lei Seca” contribua para isso;
- mortalidade masculina por transtornos mentais: gera morbidade longo tempo antes da morte e os sistemas de saúde não estão preparados para esse tipo de causa;
- a principal causa de morte na faixa etária de 30 a 39 anos serem as doenças do aparelho circulatório indicando a necessidade de programas preventivos específicos;
- câncer de mama, que apareceu entre as 10 principais causas de morte da mulher, sendo necessário uma intensificação em prevenção e diagnóstico precoce. Deve-se ressaltar que em 2005 o câncer de colo uterino também se encontrava entre as principais causas e no perfil atual não foi citado;

- a tendência ao aumento da mortalidade por acidentes de motocicleta. Deve-se inverter essa tendência.

O Brasil ainda não “erradicou” a mortalidade infantil nem a por doenças infecto-parasitárias, mas já enfrenta os desafios das doenças “modernas”, como as cardíacas, cerebrovasculares, neoplasias. A par com essa transição epidemiológica, o Brasil enfrenta alto índice de óbitos por causas externas. Como as do passado, essas também são evitáveis ou postergáveis mediante prevenção, principalmente a prevenção conseguida com hábitos saudáveis de vida - atividade física, alimentação funcional, abandono do tabagismo, uso moderado de álcool. Felizmente, essa prevenção não custa muito.

**Fonte:**

MINISTÉRIO DA SAÚDE; SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. SAÚDE BRASIL 2007: Uma Análise da Situação de Saúde. Perfil de Mortalidade do Brasileiro, nov. 2008. Disponível em:  
<[http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/coletiva\\_saude\\_061008.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/coletiva_saude_061008.pdf)>.